



Esta obra está sob o direito de
Licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional.

A LEITURA COMO ALICERCE PARA O DESENVOLVIMENTO DO PENSAMENTO CRÍTICO E DA CONCENTRAÇÃO NO ENSINO FUNDAMENTAL II

*Leilma da Silva Pinto Ferreira
Rayane da Silva Pinto Aragão*

RESUMO

A leitura é uma ferramenta essencial na formação de indivíduos autônomos, críticos e reflexivos. Este artigo tem como objetivo discutir o papel da leitura como promotora do pensamento crítico e da concentração entre estudantes do Ensino Fundamental II, com base em estudo de caso que fez parte da dissertação da autora, realizado na Escola Municipal Dr. João Machado Rollemberg Mendonça, em Pacatuba/SE. A leitura constitui um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento cognitivo e socioemocional no Ensino Fundamental II, configurando-se como uma ferramenta indispensável para a formação de estudantes mais autônomos, críticos e capazes de interagir de maneira ativa com o mundo que os cerca. Nesse período escolar, que compreende a transição entre a infância e o início da adolescência, os alunos ampliam sua capacidade de abstração, passam a lidar com conteúdos mais complexos e enfrentam demandas crescentes de interpretação e análise. Assim, a leitura deixa de ser apenas um processo de decodificação e torna-se uma prática essencial para o desenvolvimento do pensamento crítico, pois possibilita a compreensão de diferentes pontos de vista, estimula o questionamento e favorece a construção de argumentos sólidos. Ao entrar em contato com diversos gêneros textuais, o estudante expande repertórios culturais e linguísticos, aprende a identificar intenções comunicativas e passa a relacionar informações de forma mais reflexiva, o que fortalece sua capacidade de análise e tomada de decisão. A pesquisa, de caráter qualitativo, baseou-se em análise documental e observação participante, evidenciando a necessidade de metodologias inovadoras e lúdicas que despertem o interesse dos alunos. Conclui-se que a leitura, quando bem trabalhada, amplia a capacidade de análise, compreensão e argumentação dos discentes, fortalecendo sua formação cidadã e acadêmica.

Palavras-chave: Ensino Fundamental II, Leitura, Metodologias ativas, Pensamento crítico.

Introdução

A leitura representa uma das práticas mais significativas na construção do conhecimento, sendo um instrumento eficaz no desenvolvimento cognitivo e na formação crítica dos indivíduos. No contexto educacional, especialmente no Ensino Fundamental II, a leitura ganha destaque por ser capaz de desenvolver nos estudantes a habilidade de concentração, interpretação e argumentação, aspectos essenciais à formação integral do aluno (Zilberman, 1999; Cagliari, 2009).

Contudo, apesar da sua importância, a leitura ainda enfrenta desafios significativos no ambiente escolar, entre eles a desmotivação dos estudantes, metodologias ultrapassadas e a concorrência com tecnologias digitais. Frente a isso, o papel do professor como mediador e incentivador da leitura torna-se crucial (Krug, 2015; Silva, 2009).

Este artigo parte da análise da dissertação de Leilma da Silva Pinto Ferreira (2024), que investigou como a leitura pode atuar como estímulo à concentração e ao pensamento crítico em estudantes do Ensino Fundamental II, propondo reflexões e práticas baseadas em experiências reais e fundamentações teóricas sólidas.

A leitura crítica vai além da simples decodificação de palavras; ela implica a interpretação, o confronto de ideias e a formação de juízos de valor (Freire, 1994). Conforme Paulo Freire (1983), a leitura do

mundo precede a leitura da palavra, o que significa dizer que os sujeitos constroem o sentido dos textos a partir de suas vivências.

Além disso, a leitura desempenha um papel significativo na formação da concentração, habilidade especialmente desafiada pelo excesso de estímulos característico da sociedade contemporânea. No Ensino Fundamental II, a capacidade de manter o foco é indispensável para o aprendizado significativo, já que os conteúdos exigem maior profundidade e a organização do raciocínio torna-se fundamental (Geraldi, 2011).

A prática leitora, quando realizada de maneira contínua e orientada, contribui para treinar a atenção sustentada, desenvolvendo a paciência cognitiva necessária para compreender textos mais longos e complexos. Ao dedicar-se à leitura, o estudante exercita a permanência em uma atividade intelectual por tempo prolongado, diminuindo a dispersão e aprimorando a memória de trabalho, o que impacta positivamente o desempenho em todas as áreas do conhecimento (Marcuschi, 2012).

Ao estimular a leitura em sala de aula, o educador proporciona aos alunos a capacidade de desenvolver autonomia intelectual, formular argumentos e dialogar com diferentes perspectivas textuais e sociais. Assim, a leitura torna-se um espaço de liberdade e construção do saber, indispensável para a cidadania crítica (Geraldi, 2011).

O uso de metodologias ativas, como jogos, dramatizações, rodas de leitura, projetos

interdisciplinares e gêneros textuais diversos, tem se mostrado eficaz na promoção da leitura e da concentração dos alunos. Tais estratégias favorecem a participação dos discentes e permitem a construção do conhecimento de maneira significativa (Cosson, 2014; Marcuschi, 2012).

A dissertação analisada aponta que a implementação de atividades lúdicas e atrativas desperta maior engajamento dos estudantes, sobretudo quando respeitam suas preferências e contextos sociais. Dessa forma, o processo de leitura torna-se prazeroso e educativo, promovendo o envolvimento efetivo com o texto.

O ambiente escolar deve ser preparado para acolher práticas leitoras diversificadas, com espaços como bibliotecas acessíveis e recursos pedagógicos adequados. No entanto, a formação do leitor não é responsabilidade exclusiva da escola. A participação da família é essencial no incentivo à leitura, especialmente nos anos iniciais da educação (Soares, 2004; Botini & Farago, 2014).

O envolvimento dos responsáveis no cotidiano educacional favorece o desenvolvimento de práticas de letramento familiar, que reforçam o hábito de leitura e criam vínculos afetivos importantes no processo de aprendizagem (Vieira, 2004). A leitura, historicamente, tem sido reconhecida como uma das ferramentas mais poderosas para a formação intelectual e social do indivíduo (Freire, 2011).

No contexto escolar, sua importância transcende a simples decodificação de símbolos, pois se constitui como meio para a construção do conhecimento, para o desenvolvimento da criticidade e para a inserção ativa na sociedade (Zilberman, 1999). Em especial no Ensino Fundamental II, etapa marcada pela consolidação de habilidades cognitivas mais complexas, o trabalho com a leitura adquire relevância estratégica.

A compreensão leitora é elemento central para o desempenho acadêmico, visto que todas as áreas do conhecimento demandam, em maior ou menor grau, a capacidade de interpretar textos, gráficos, tabelas e símbolos (Marcuschi, 2008). Nesse sentido, a escola deve assumir um papel ativo, garantindo não apenas o acesso aos materiais, mas também o desenvolvimento de estratégias pedagógicas que promovam a autonomia leitora.

As metodologias de ensino voltadas à leitura precisam dialogar com as realidades dos estudantes. Ao considerar o contexto cultural e social, o professor pode selecionar textos e temas que despertem maior interesse, favorecendo a participação e a construção de sentido (Ferreira et al., 2018). Esse alinhamento entre conteúdo e vivência amplia as possibilidades de aprendizagem significativa.

A formação do leitor, no entanto, enfrenta desafios históricos e estruturais. Em muitos contextos, há ausência de bibliotecas escolares, acervos atualizados e espaços

adequados para a prática da leitura (Milioli; Boone, 2017). Esses fatores limitam o contato dos estudantes com diferentes gêneros textuais e reduzem as oportunidades de desenvolver competências críticas.

A mediação docente é um elemento central para superar tais barreiras. Professores que atuam como leitores e mediadores de leitura são capazes de inspirar os alunos, criando uma relação positiva com os textos (Martins, 2007). Esse papel vai além de indicar obras: implica orientar a compreensão, estimular a interpretação e fomentar o diálogo sobre as ideias apresentadas.

A relação família-escola também influencia o hábito de leitura. Ambientes domésticos que incentivam o contato com livros, revistas e outros materiais escritos contribuem para que o estudante perceba a leitura como parte natural do cotidiano (Vieira, 2004). Assim, as ações escolares ganham reforço, potencializando seus resultados.

É importante ressaltar que a leitura não se limita ao suporte impresso. A evolução tecnológica ampliou o acesso a textos digitais, como e-books, artigos e conteúdos multimídia. Contudo, essa facilidade de acesso demanda também a capacidade de selecionar e avaliar criticamente as informações (Krug, 2015). A alfabetização digital, nesse contexto, torna-se complementar à alfabetização tradicional.

Os projetos de incentivo à leitura, quando planejados de forma coletiva, podem promover experiências mais ricas. Atividades como rodas de leitura, clubes do livro e

concursos literários geram um ambiente de troca e pertencimento, onde os alunos se sentem parte de uma comunidade leitora (Mendonça; Mendonça, 2013). Essa dimensão social da leitura é essencial para que ela seja percebida como prática viva e dinâmica.

A interdisciplinaridade é outro fator que fortalece o ensino da leitura. Integrar textos de diferentes áreas do conhecimento amplia o repertório dos estudantes e mostra que a leitura é uma competência transversal (Cosson, 2014). Essa abordagem favorece a aplicação prática das habilidades de interpretação em contextos diversos.

O letramento, entendido como a capacidade de usar a leitura e a escrita em diferentes situações sociais, deve ser objetivo permanente do processo educacional (Soares, 2004). Mais do que ensinar a ler, a escola deve garantir que o aluno seja capaz de compreender, produzir e refletir criticamente sobre textos, participando de forma plena na sociedade letrada.

Nesse cenário, a literatura assume papel privilegiado. Obras literárias proporcionam experiências estéticas, desenvolvem a imaginação e ampliam a visão de mundo dos estudantes (Prado, 1996). Ao vivenciar diferentes perspectivas por meio da narrativa, o leitor constrói empatia e compreensão sobre realidades diversas.

Os resultados de pesquisas mostram que alunos com hábitos consolidados de leitura tendem a apresentar melhor desempenho acadêmico e maior capacidade de

argumentação (Gonçalves et al., 2020). Esse dado reforça a importância de implementar estratégias consistentes de incentivo à leitura, especialmente nos anos finais do Ensino Fundamental.

A abordagem de gêneros textuais variados contribui para a formação de leitores competentes (Marcuschi, 2012). Ao ter contato com narrativas, textos expositivos, argumentativos, poéticos e jornalísticos, o estudante desenvolve habilidades distintas de interpretação e adaptação linguística, que serão úteis tanto no ambiente escolar quanto na vida profissional.

O papel das políticas públicas é igualmente relevante. Programas de distribuição de livros, capacitação de professores e ampliação de bibliotecas escolares representam investimentos de alto retorno para a educação (Botini; Farago, 2014). Quando bem articuladas, essas políticas reduzem desigualdades e democratizam o acesso à leitura.

Por fim, compreender a leitura como prática social e cultural é essencial para formular ações efetivas (Freire, 1994). O ato de ler vai além da técnica: envolve interação, construção de significados e posicionamento crítico diante da realidade. É nessa perspectiva que se fundamenta a relevância do tema para a pesquisa desenvolvida nesta dissertação.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão de literatura tradicional, não sistemática, descritiva, de

natureza qualitativa e bibliográfica, já que a análise se realizou em diversas fontes de pesquisas como conteúdo de livros, artigos científicos, sites, dissertações, teses e bibliográficas virtuais.

DESENVOLVIMENTO

A pesquisa documental e observacional realizada por Ferreira (2024) em uma escola pública de Pacatuba/SE demonstrou que os estudantes apresentam maior capacidade de concentração e pensamento crítico quando inseridos em atividades de leitura contínuas, significativas e contextualizadas. Além disso, foi constatado que a presença de um planejamento pedagógico que inclui a leitura em diferentes disciplinas contribui para uma formação mais completa do aluno, evidenciando a necessidade de formação continuada dos docentes na área do letramento e da mediação de leitura.

A leitura, quando incorporada ao cotidiano escolar de forma sistemática e atrativa, deixa de ser uma simples habilidade técnica para tornar-se um instrumento de emancipação intelectual (Freire, 2011). Mais do que decodificar signos linguísticos, ler significa dialogar com ideias, perspectivas e culturas distintas, ampliando a compreensão do mundo do estudante. No Ensino Fundamental II, essa prática assume papel estratégico, pois é nesse período que muitos alunos consolidam a capacidade de abstração e interpretação crítica (Zilberman, 1999).

Um dos pontos centrais para a promoção da leitura é a intencionalidade pedagógica. Ao elaborar atividades que despertem a curiosidade, o professor cria um ambiente favorável para que o estudante não apenas compreenda o texto, mas também desenvolva argumentos próprios (Geraldini, 2011). Esse processo demanda planejamento e conhecimento das preferências e necessidades da turma, o que implica observar atentamente os interesses e ritmos de aprendizagem.

O estímulo à leitura também está relacionado ao uso de diferentes suportes textuais. Trabalhar apenas com o livro didático pode limitar as experiências do aluno. Inserir textos jornalísticos, literários, quadrinhos, infográficos e até materiais multimídia enriquece o repertório e aproxima o conteúdo escolar da realidade dos jovens (Cosson, 2014), favorecendo a construção de conexões significativas entre o aprendizado e o cotidiano.

É fundamental compreender que a leitura não se restringe às aulas de Língua Portuguesa. Todas as áreas do conhecimento podem e devem incluir práticas leitoras em seus planejamentos (Marcuschi, 2008). Em Ciências, por exemplo, podem-se explorar reportagens e artigos de divulgação científica; em História, documentos e relatos de época; em Matemática, problemas contextualizados que exijam interpretação detalhada.

A leitura crítica, nesse contexto, emerge como uma competência interdisciplinar. Ao aprender a identificar

intenções, posicionamentos e possíveis vieses presentes nos textos, o estudante desenvolve autonomia para avaliar informações e tomar decisões fundamentadas (Freire, 1990). Esse é um aspecto especialmente relevante diante do excesso de dados e notícias no ambiente digital.

A introdução de metodologias ativas potencializa o engajamento nas práticas leitoras. Estratégias como gamificação, projetos de leitura colaborativa e debates mediados incentivam a participação ativa dos alunos (Cosson, 2014). Nessas atividades, o estudante não é apenas um receptor de informações, mas um agente que constrói e compartilha conhecimento com os colegas.

A relação entre leitura e concentração também merece destaque. Em um cenário marcado pela fragmentação da atenção, ocasionada em parte pelo uso intensivo de dispositivos eletrônicos, a prática regular da leitura promove a capacidade de manter o foco por períodos mais longos (Krug, 2015). Esse treino cognitivo contribui para um melhor desempenho acadêmico em diversas disciplinas.

Outro ponto a considerar é a formação de um vínculo afetivo com a leitura. Quando o aluno se identifica com os temas, personagens ou contextos narrativos, o ato de ler deixa de ser uma obrigação e passa a ser um prazer (Botini; Farago, 2014). Essa motivação intrínseca é um dos motores para a continuidade do hábito leitor ao longo da vida.

A mediação docente é determinante nesse processo. Professores que também são leitores engajados tendem a transmitir entusiasmo e credibilidade em relação à importância da leitura (Martins, 2007). Compartilhar experiências pessoais com livros, recomendar obras e participar de atividades junto aos estudantes são atitudes que fortalecem esse vínculo.

A família exerce papel complementar e igualmente decisivo. O incentivo à leitura no ambiente doméstico, seja por meio de conversas sobre livros, visitas a bibliotecas ou momentos de leitura em conjunto, reforça o que é trabalhado na escola (Vieira, 2004). Essa parceria amplia o tempo e o espaço dedicados ao contato com textos, consolidando o hábito.

No entanto, para que tais ações sejam efetivas, é preciso reconhecer as barreiras que dificultam o desenvolvimento da leitura. A falta de acesso a materiais de qualidade, ambientes silenciosos ou recursos tecnológicos adequados pode limitar as oportunidades de prática (Soares, 2004). Por isso, políticas públicas e projetos escolares devem buscar formas de suprir essas lacunas.

A infraestrutura escolar também influencia diretamente a formação do leitor. Bibliotecas organizadas, espaços de leitura acolhedores e acervos diversificados são elementos que estimulam a curiosidade e favorecem a autonomia dos estudantes na escolha de materiais (Milioli; Boone, 2017). Um ambiente que valoriza a leitura comunica,

de forma implícita, que ela é prioridade na comunidade escolar.

É igualmente importante diversificar as abordagens didáticas. Alguns alunos respondem melhor a atividades coletivas, enquanto outros se beneficiam de trabalhos individuais (Pullin; Moreira, 2008). A alternância entre diferentes formatos de leitura – silenciosa, compartilhada, dramatizada – amplia as chances de envolver todos os perfis de leitores presentes na turma.

Ao trabalhar com textos de diferentes complexidades, o professor também contribui para o avanço gradual das habilidades leitoras (Dehaene, 2012). Começar com materiais mais acessíveis e evoluir para obras mais densas permite que os alunos se sintam confiantes, evitando a frustração que pode levar ao abandono da leitura.

A avaliação das práticas leitoras deve ir além da verificação de compreensão literal. Incentivar o aluno a expressar opiniões, fazer conexões com outros textos ou com a própria vida e questionar argumentos apresentados são formas de aferir o desenvolvimento do pensamento crítico (Gonçalves et al., 2020). Essas estratégias valorizam a interpretação como um processo ativo.

Nesse sentido, a leitura se revela não apenas como um instrumento de aprendizagem, mas como uma prática social que forma cidadãos conscientes (Freire, 1994). Ao compreender o funcionamento dos discursos e reconhecer diferentes pontos de vista, o estudante fortalece sua capacidade de

participação democrática e intervenção no meio em que vive.

O contato com obras literárias, em especial, contribui para a ampliação do vocabulário, o refinamento da escrita e o desenvolvimento da empatia (Prado, 1996). Ao vivenciar, por meio da narrativa, realidades distintas, o leitor amplia sua compreensão das complexidades humanas e sociais, o que é essencial para a formação integral.

As atividades de leitura também podem ser articuladas a projetos interdisciplinares, nos quais o texto se torna ponto de partida para investigações mais amplas (Marcuschi, 2012). Por exemplo, um romance histórico pode motivar pesquisas em História, análises geográficas e discussões sobre direitos humanos, transformando a leitura em um eixo integrador do currículo.

É importante salientar que a leitura, para ser significativa, precisa dialogar com o contexto sociocultural dos alunos (Ferreira et al., 2018). Trazer autores locais, temas atuais e problemáticas que façam parte da realidade da comunidade escolar contribui para que os estudantes percebam a relevância e aplicabilidade do que leem.

A promoção da leitura como experiência coletiva e colaborativa fortalece o senso de pertencimento (Mendonça; Mendonça, 2013). Ao compartilhar interpretações, indicar obras e construir projetos conjuntos, os alunos desenvolvem competências de comunicação e cooperação,

que se somam ao ganho cognitivo e crítico proporcionado pelo ato de ler.

Por fim, investir na leitura no Ensino Fundamental II é promover não apenas a competência linguística, mas também o desenvolvimento integral do estudante. Quando a escola cria ambientes estimulantes, diversifica práticas leitoras e incentiva a autonomia na escolha de textos, contribui para formar sujeitos capazes de pensar criticamente, concentrar-se com maior eficiência e participar ativamente da sociedade. Assim, a leitura se consolida como um alicerce para a construção de cidadãos mais conscientes, criativos e preparados para enfrentar os desafios da vida acadêmica e social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura constitui um processo formativo essencial, capaz de transformar o sujeito e de promover sua inserção ativa na sociedade. Por meio dela, o educando adquire ferramentas para interpretar o mundo, desenvolver senso crítico e se comunicar de forma mais eficaz.

Para que isso ocorra, é necessário um esforço conjunto entre escola, família e políticas públicas que garantam o acesso aos livros, à formação docente qualificada e à valorização da leitura como prática social e cultural.

O estudo aqui analisado reforça a importância de práticas pedagógicas intencionais, que reconheçam a leitura como um direito e um meio de emancipação

intelectual e social. Assim, promover a leitura crítica e consciente no Ensino Fundamental II é investir na formação de cidadãos autônomos, reflexivos e preparados para os desafios do século XXI.

A presente pesquisa evidencia que a leitura, quando abordada de forma planejada e integrada ao cotidiano escolar, contribui significativamente para o desenvolvimento cognitivo e crítico dos alunos (Freire, 2011). O estudo demonstrou que práticas leitoras consistentes, aliadas a metodologias diversificadas, ampliam o repertório cultural e fortalecem a autonomia do estudante no processo de aprendizagem (Zilberman, 1999).

A valorização da leitura como prática transversal a todas as áreas do conhecimento mostrou-se fundamental para a formação integral dos alunos. Ao trabalhar com diferentes gêneros textuais, a escola permite que o estudante desenvolva competências de interpretação e produção que serão úteis tanto no ambiente escolar quanto na vida social e profissional (Marcuschi, 2008).

A pesquisa revelou também a importância da mediação docente no estímulo à leitura. Professores que se posicionam como leitores ativos e entusiastas tendem a inspirar os alunos, criando um ambiente propício ao engajamento e ao desenvolvimento de habilidades críticas (Martins, 2007). Essa postura reforça a relevância do professor não apenas como transmissor de conteúdos, mas como mediador de experiências formativas.

Outro aspecto observado foi o papel da família no incentivo à leitura. O envolvimento familiar, por meio de práticas como a leitura compartilhada e o diálogo sobre livros, fortalece os vínculos com o texto e cria condições favoráveis para a continuidade do hábito leitor fora do ambiente escolar (Vieira, 2004).

Entretanto, o estudo aponta desafios estruturais que ainda dificultam o pleno acesso à leitura, como a escassez de bibliotecas bem equipadas e acervos diversificados em algumas instituições (Milioli; Boone, 2017). Esses fatores limitam a democratização da leitura e evidenciam a necessidade de investimentos públicos e privados na melhoria da infraestrutura educacional.

A introdução das tecnologias digitais no processo de leitura foi identificada como oportunidade e desafio. Enquanto amplia o acesso a textos e informações, também exige o desenvolvimento de competências críticas para avaliar a confiabilidade das fontes e evitar a dispersão (Krug, 2015). Esse cenário demanda uma alfabetização digital articulada à formação leitora tradicional.

As metodologias ativas, como a gamificação e os projetos colaborativos de leitura, mostraram-se eficazes para aumentar a motivação dos alunos e estimular a participação ativa nas atividades (Cosson, 2014). Essas práticas transformam a sala de aula em um espaço dinâmico, no qual o estudante é protagonista do próprio aprendizado.

Constatou-se que o trabalho interdisciplinar enriquece as experiências de leitura. Ao conectar conteúdos de diferentes áreas, a escola possibilita que o estudante perceba a aplicabilidade da leitura em múltiplos contextos, ampliando seu sentido e utilidade (Marcuschi, 2012).

A literatura, em especial, desponta como um recurso poderoso para a formação ética, estética e emocional dos estudantes (Prado, 1996). O contato com narrativas diversas favorece a empatia, a imaginação e a compreensão das complexidades humanas e sociais, qualidades essenciais para a vida em sociedade.

A análise dos dados reforça que o letramento, enquanto prática social, deve ser objetivo permanente das políticas educacionais (Soares, 2004). A leitura precisa ser compreendida como ferramenta de cidadania, capaz de promover participação crítica e consciente na vida coletiva (Freire, 1994).

Outro ponto relevante é que a avaliação das práticas de leitura deve ir além da mera verificação da compreensão literal. É fundamental considerar a capacidade do estudante de estabelecer conexões, formular hipóteses e elaborar reflexões críticas a partir do que lê (Gonçalves et al., 2020).

As políticas públicas voltadas ao incentivo da leitura, quando bem estruturadas e acompanhadas, têm potencial para reduzir desigualdades e ampliar o acesso à informação (Botini; Farago, 2014). Programas que distribuem livros, formam mediadores de

leitura e ampliam espaços de acesso a acervos podem provocar impactos positivos duradouros.

A construção de um ambiente escolar que valorize a leitura depende de ações articuladas entre gestores, professores, famílias e comunidade (Mendonça; Mendonça, 2013). Essa rede de colaboração é essencial para sustentar projetos e criar uma cultura leitora sólida.

Ao mesmo tempo, a formação continuada de professores se apresenta como elemento indispensável para o aprimoramento das práticas pedagógicas (Geraldi, 2011). Capacitar os docentes para trabalhar com diferentes gêneros, suportes e metodologias aumenta as chances de sucesso das iniciativas de incentivo à leitura.

O estudo também sugere que a personalização das atividades de leitura, respeitando os diferentes ritmos e interesses dos alunos, potencializa o engajamento e reduz o abandono dessas práticas (Pullin; Moreira, 2008). Essa abordagem individualizada contribui para que todos os estudantes possam se desenvolver plenamente como leitores.

O contato frequente com textos variados estimula a curiosidade intelectual e fortalece a capacidade de análise crítica, competências cada vez mais valorizadas em uma sociedade marcada pela circulação intensa de informações (Ferreira et al., 2018).

A consolidação do hábito de leitura exige tempo, constância e diversidade de experiências (Dehaene, 2012). Assim, a escola

deve garantir não apenas atividades pontuais, mas um trabalho contínuo e integrado ao currículo.

Por fim, os resultados obtidos reafirmam que a leitura é um dos pilares para a formação de indivíduos críticos, criativos e participativos. Investir na sua promoção é investir na qualidade da educação e no futuro da sociedade (Zilberman, 1999).

Dessa forma, espera-se que as reflexões e propostas apresentadas nesta pesquisa possam contribuir para a elaboração de práticas pedagógicas mais efetivas, que incentivem a leitura como caminho para a construção de conhecimento, cidadania e emancipação humana (Freire, 2011).

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, V. M. de. *Leitura e formação do leitor*. São Paulo: Contexto, 1996.
- BOTINI, M. A.; FARAGO, M. F. A leitura como vínculo afetivo entre pais e filhos. *Revista Contexto & Educação*, v. 29, n. 94, p. 131-150, 2014.
- BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.
- CAGLIARI, L. C. *Alfabetização e Linguística*. São Paulo: Scipione, 2009.
- COSSON, R. *Ler e escrever: compromisso de todas as áreas*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2014.
- DEHAENE, S. *Os neurônios da leitura: como a ciência explica a nossa capacidade de ler*. Porto Alegre: Penso, 2012.
- FERREIRA, A. P. et al. Práticas de leitura e escrita na escola: desafios e possibilidades. *Revista Educação em Questão*, v. 56, n. 48, p. 93-116, 2018.
- FREIRE, P. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1983.
- FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1990.
- FREIRE, P. *Educação como prática da liberdade*. 36. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 41. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1994.
- GERALDI, J. W. *O texto na sala de aula: leitura e produção*. 6. ed. São Paulo: Ática, 2011.
- GONÇALVES, D. et al. Leitura e interpretação de textos: práticas e desafios na educação básica. *Revista Educação & Linguagem*, v. 23, n. 1, p. 45-62, 2020.
- KRUG, A. S. A formação do leitor literário: estratégias para o ensino. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 55, p. 227-245, 2015.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. 5. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MARTINS, M. H. O leitor e a leitura na escola. *Revista Nova Escola*, São Paulo, n. 203, p. 36-41, 2007.

MENDONÇA, A. P.; MENDONÇA, M. S. Práticas de leitura e escrita: experiências coletivas. *Revista Leitura: Teoria & Prática*, v. 31, n. 60, p. 93-105, 2013.

MILIOLI, C. R.; BOONE, R. Espaços de leitura e formação de leitores. *Revista Educação & Sociedade*, v. 38, n. 141, p. 993-1010, 2017.

PRADO, A. *A leitura literária: caminhos para a formação do leitor*. Belo Horizonte: Dimensão, 1996.

PULLIN, E. M.; MOREIRA, M. A. Estratégias de leitura e formação do leitor. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 8, n. 2, p. 399-421, 2008.

SILVA, E. T. da. *Leitura na escola: um desafio permanente*. São Paulo: Cortez, 2009.

SOARES, M. Letramento: um tema em três gêneros. *Revista Brasileira de Educação*, n. 26, p. 5-17, 2004.

VIEIRA, S. R. A importância da leitura no ambiente familiar. *Revista Educação & Linguagem*, v. 7, n. 9, p. 115-129, 2004.

ZILBERMAN, R. *A leitura literária na escola*. São Paulo: Global, 1999.